Oficio de cartógrafo: o texto e a imagem em tempos de redes sociais[1]

Maria Eliana Facciolla Paiva[2]
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - RJ

RESUMO

Jesús-Martín Barbero nos traz no livro *Ofício do cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*, uma agenda do seu pensamento nesta mudança de século. Ele escreve uma espécie de diário de bordo, no qual se coloca como um cartógrafo e, desenvolve sutilmente abordagens necessárias para um melhor ordenamento daquilo que a teoria e os teóricos da comunição têm a dizer sobre cultura. O uso deste livro neste trabalho está especialmente engajado na sua simplicidade. E em análises através das quais o autor resume conquistas e itinerários. Propomos neste texto abordar alguma coisa sobre as novas fronteiras entre texto e imagem. Por mais que este tema nos pareça superado, é através da prática de postagem das imagens fotográficas nas redes sociais que podemos comprovar na prática as primeiras indagações e soluções conceituais surgidas nesta área de estudo.

PALAVRAS-CHAVES

Imagem, texto, redes sociais.

INTRODUÇÃO

O livro *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*, de Jesús Martin-Barbero (2004) é a principal fonte de inspiração para este trabalho. As diversas maneiras de ler o livro abre um leque de possibilidades e *travessias* entre as Teorias da Comunicação e as Teorias da Imagem. A releitura importantes análises concede encaixes de pensamento que se somam de maneira, digamos prudente, quase pueril, às parcialidades subjetivas que as camadas ou texturas comunicativas discursiva da notícia e contextual do fato inscrito no texto, qualquer texto (verbal, não verbal) que acompanha as imagens informativas.

[1] Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Atualmente pesquisadora da Linha de Pesquisa "Design, Comunicação, Cultura e Artes" como integrante do Grupo Barthes: estudo dos aspectos subjetivos envolvidos nos processos de configuração e de recepção de objetos de uso e de imagens, ligado ao Departamento de Design e Artes da PUC-Rio. Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. D.E.A. em "Estéticas, Tecnologias e Criações Artísticas", pela Universidade Paris VIII, com Pós-doutorado pela Escola de Comunicação da UFRJ.

Importante também é o avanço na contribuição da "reinserção do estudo da comunicação no campo da cultura – de suas matrizes históricas, suas temporalidades sociais e suas especificidades políticas" [3], para o estudo das Teorias da Imagem. Quando já decidido que é a evolução cultural que determina a conexão mais direta entre texto e imagem para as disciplinas que abordam a imagem na comunicação. Desde o sentido tecnológico ao senso estético.

As Teorias da imagem se ocupam essencialmente com a cultura social e a cultura dos meios, disponibilizando maneiras de solução dos problemas técnicos do conhecimento que emana dos objetos através dos valores que mobilizam os diversos conteúdos apresentados e representados nas imagens da comunicação. Principalmente estas que circulam com grande velocidade nos limites cartográficos da informação e com delimitações de fronteiras nas redes sócias. Imagens estas cuja destinação simbólica é o público na contrapartida dos afetos, das emoções e das subjetividades, dentro dos processos de pensar e fazer a representação da informação visual, e, interagir sobre qualquer classe de projeto pessoal de participação coletiva.

Assim entendemos o que Martín-Barbero chama de "itinerários de investigação", ainda dentro dos aspectos descritos no livro *Ofício do cartógrafo*. Optamos por escrever, continuando trilhar a perspectiva da ordem dos signos de linguagens como um determinante "itinerário" de investigação, proposto sempre pelos teóricos da imagem. Mas agora acrescentando o problema da "desestruturação das comunidades e da fragmentação da experiência, o da perda da autonomia cultural" [4], o que é acréscimo para o universo teórico das imagens.

ESTUDO DE CASO

Compreendendo que uma vez tendo estabelecido esta fronteira (texto e imagem) foi uma maneira de entender o mapa teórico e conceitual do uso da imagem na comunicação, que evidentemente evolui, sempre junto à cultura dos meios, como escrevemos anteriormente. Neste ponto a investigação se renova quando agora podemos reiniciar uma comparação de momentos históricos das imagens produzidas por movimentos sociais de mesmo gatilho social, que é a reinvindicação pública e política que sai às ruas.

De acordo com o formato de redação do livro citado – cujos eixos temáticos estão direcionados por um pensador latino-americano – e, para escrever este curto trabalho, a

[3] MARTÍN-BARBERO, J. Ofício do Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura, 3ª Ed. Edições Loyola, São Paulo, 2004, p. 228.
[4] Ibidem, p. 210.

proposta é a de mostrar alguns elementos com os quais trabalhamos na investigação sobre as Teorias da Imagem, junto a um tema específico de imagens de ampla divulgação recente (as reinvindicações de rua em junho e julho de 2013, no Brasil todo) nas redes sociais.

O estudo de caso que propomos é a relação texto e imagem que se dá duas épocas do cenário das manifestações políticas de rua no Brasil. O texto ao qual nos referimos é a somente a legenda que acompanha as fotos.

A. No primeiro caso as fotografias fazem parte do acervo do fotojornalismo brasileiro do ano de 1968. A reportagem fotográfica da grande passeata no Rio de Janeiro foi publicada em jornais e com difícil acesso ao crédito do fotógrafo. As personagens não são anônimas, a maioria são artistas, como se somente a identificação definisse o mapa pelo desenho das fronteiras sociais no reconhecimento simbólico do ato político através da figura pública de rádio, cinema e televisão na época. Assim como também não são cenários de rua, mas sim amplamente identificados, as fotografias que nomeiam acontecimentos no centro do Rio de Janeiro como: "Passeata dos 100 mil" e "Passeata contra a censura".
B. No segundo caso, vimos o cotidiano de um imenso acervo pessoal de fotos de personagens anônimas presentes nas manifestações rua de junho e julho de 2013. Figuras do público, e não mais figuras públicas, mas ainda personagens definidos em suas próprias territorialidades e individualidades na relação direta com a participação política.

Tanto as fotos de 1968 como as de 2013 foram massivamente postadas em blogs, jornais eletrônicos e principalmente nas redes sociais. As primeiras usadas como figurinhas históricas, contextuais e discursivas. Os textos, maioria legendas colaborativas, seguem a linha da informação comunicativa da imagem técnica.

No entanto, as legendas das fotos históricas de 1968 somente identificam os artistas. Enquanto as legendas das fotos de 2013 são quase subtextos, comentários e opiniões colaborativas sem muita preocupação em seguir uma formatação definida de imprensa.

A. (1968), a liberdade do fotógrafo estava no olhar e na capacidade em enquadrar e registrar a figura pública que seguiu as passeatas, unindo a esta foto a uma legenda aberta. Ou então a personagem principal era "A passeata contra a

censura", ou a "Passeata dos 100 mil", após a morte do estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto, morto em um confronto com os militares, no restaurante Calabouço, no centro do Rio de Janeiro, em 28 de março de 1968.

B. (2013), as fotos que se abrem para todo tipo de enquadramento de pessoas, seguida de detalhe do cartaz, coberta de legendas, ou textos, muito bem pensados e alinhavados; porém, de redação colaborativa e pessoal. Cada manifestante que produziu imagens as fez e as legendou em um processo participativo e contributivo.

Percebe-se que os mapas que estabelecem mais claramente fronteiras entre imagem e texto evoluíram junto à cartografia dos movimentos sociais nos quais a tecnologia cumpre um papel preponderante – dentro do aspecto da cultura técnica dos meios de transmissão e divulgação – para a informação texto/imagem que é veiculada.

No ano de 1968, somente fotógrafos, geralmente fotojornalistas ou repórteres fotográficos, tinham máquinas capazes de documentar e reproduzir a fotografia em jornais impressos e alguma mídia audiovisual. Em 2013, a tecnologia do registro e divulgação imediata pertence à própria personagem que vai para as ruas, quando na maior parte é ela mesmo que se fotografa, filma, grava e divulga nas redes sociais.

(1968) IMAGENS COM TEXTO VERBAL E IMAGENS SEM TEXTO ESCRITO

As atrizes Tônia Carreiro, Eva Vilma, Odete Lara, Norma Bengell e Ruth Escobar em passeata contra a censura (atrás de Ruth, o crítico de arte Mário Pedrosa), Correio da Manhã, 1968.[5]

[5] Blog *Passa a palavra*. http://passapalavra.info/2009/11/14529. Acesso 12 julho 2013.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro – Terça-feira, 13 de fevereiro de 1968

Ano LXXVII N.º 267

LINHA DE FRENTE

CONTRA A CENSURA

GREVE DE PROTESTO CONTRA "CENSURA" EM DEFESA DA CULTURA

Odete Lara, Tônia Carrero, Paulo Autran, Carlos Reyes, Ítalo Cuoco e Maria Pompeu enfrentaram a sol pela greve

EUA dispos a iniciar já paz com Ha

Tráfego em 1 dia registra 22 acidentes

Cadete morre para salvar velho avião

"Minuano" volta ao Rio são e salvo

Teatro na rua contra Censura

6

7

[6] *Hoje na história* http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?blogid=57&archive=2011-02 . Acesso 12 julho 2013.
[7] *História brasileira* http://www.historiabrasileira.com/ditadura-militar/passeata-dos-cem-mil/ . Acesso 12 julho 2013.

(2013) IMAGENS COM TEXTO VERBAL E IMAGENS SEM TEXTO ESCRITO

Os jovens das grandes cidades, ignorados pela política das altas esferas, são os que mais uma vez lideram a luta.

Em sua maioria, não organizados expressam, muitos deles, pela primeira vez a sua insatisfação, tomando as ruas, ocupando o espaço público e fazendo suas vozes serem ouvidas. [8]

Fila para acompanhar a discussão da CPI dos ônibus ocupa um quarteirão. A foto abaixo foi tirada agora, na frente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. [9]

(Detalhe de um fotojornalista, no seu *ofício de cartógrafo.*)

[8] IBASE, https://www.facebook.com/ibase.br?fref=ts. Acesso 12 julho 2013.
[9] IBASE, https://www.facebook.com/ibase.br?fref=ts . Acesso 12 julho 2013.

CARTOGRAFIA DE FRONTEIRAS VERBAIS E VISUAIS

É interessante observar que a relação texto e imagem, que agora podemos chamar de "fronteira", se inverte. A objetividade do texto jornalístico que, antes, veio aos poucos incorporando a imagem, quando as teorias da comunicação informativa construíram conceitos que dizem das mídias como espelho de realidades, um determinado momento teve que lidar com uma espécie de *mantra* dentro das redações, na qual se falava que "a imagem vale mais do que mil palavras".

É neste momento em que os campos de estudo da informação "verbal" e "não verbal" convergem para a multiplicação da imagem técnica que avança para a multiplicidade reprodutiva tão bem antecipada por Walter Benjamin. O *fazer imagem* vai estabelecer parâmetros que definem recompensas para aqueles que se preocupam com o estudo científico das linguagens. É assim que semiologia interfere e se preocupa com o universo de signos distintos na representação das imagens fadadas à significação sem palavras, mas para a qual a expressão "não verbal" vai se assemelhar a um sintoma dentro do discurso da objetividade.

Passada esta fase, iniciada a era rizomática do hipertexto, e suas ramificações nos meios digitais, a atualização do ato de escrever, ou seja, o texto adquire uma atualização em tempo real. Correções podem ser feitas de erros informativos presentes na redação, é permitida a modificação de todo e qualquer texto, conforme as informações vão chegando, são acrescentadas, as publicações apuram os dados, reutiliza instantaneamente o *feedback* das repercussões. Enquanto, por sua vez, e desta vez, a imagem permanece, presente, infalível, sem correções, unânime, estável e não ambígua.

No entanto, se nos voltarmos para a importância da cultura e da cultura técnica, repensar a configuração própria e técnica da linguagem fotográfica, em cima daquela postagem fotográfica ou de imagem, que representa em tempo real o pensamento de um usuário das redes sociais, por exemplo, especialmente, nas aproximações de entendimento das várias formalizações conceituais das várias maneiras distintas na evolução do trabalho do fotógrafo de todos os tempos, implica naquilo que Barthes (1981) chama para a produção distintiva dos textos de "cultura circundante prévia".

Ou seja, sempre existe um texto, ou subtexto fornecido pela cultura social ou pela cultura do *cartógrafo* influenciado pelas suas fronteiras, que funciona de maneira abstrata ou concreta, como gatilho indicial ou simbólico para a velocidade de disparo do obturador da máquina fotográfica. Sabemos que um texto, seja ele qual for, define para a imagem

fotográfica uma mutua interdependência que vai desde o conceito pré-estabelecido de uma cena montada, passando pelos cenários e pelas personagens de ocasião, até a navegação intuitiva. Em situações evidentes que se referem à notícia social, na escolha de um tema cultural, com o qual o meio, como as redes sociais, o leitor que se torna um editor em potencial, se expõe – diante da sua própria cultura participativa e colaborativa – da maneira, estética e política, com o objetivo de difundir, conservar, comentar, curtir, compartilhar.

Por fim, a cartografia (do grego *chartis* = mapa e *graphein* = escrita) estabelece o conjunto de operações técnicas, científicas, tecnológicas e artísticas que se destinam à elaboração de mapas. Estes mapas são confeccionados a partir de observações, vivências, pesquisas diretas, do uso de banco de dados e da documentação.

A fotografia entrecruza nos mapas se valendo do texto enquanto referência, e não o contrário. Os valores fronteiriços entre texto e imagem são relacionais das diversas pesquisas sobre visibilidade em contrapartida da imagem técnica que se aprofundou no desfio prático das diversas linguagens e construções na passagem da imagem analógica para a digital. A partir daí, a tecnologia da imagem numérica estabelece uma usabilidade do texto e inverte a posição até agora definida. Espacialmente se localizam maneira nas redes sociais que investem massivamente em design, customização e facilitação dos dispositivos visuais.

"Traçar mapas", como escreve Martín-Barbero, além de ser ofício do cartógrafo, é a principal a atividade que envolve a busca da territorialidade e localização, e auxilia sobremaneira definir, para os usuários das redes sociais, os caminhos do próprio caminhar. Para as pesquisas sobre as Teorias da imagem – que transitam incessantemente entre o analógico e digital e, especialmente, junto à informação da comunicação transmitida, "traçar mapas" começa a ser um recurso precioso e agregador de conteúdo para a imagem que reina soberana.

Se nos voltarmos um pouco, mas só um pouco para o território da semiologia, por exemplo, temos que desde o início Roland Barthes pretendeu criar, ou desenvolver, um código da imagem. Porque a grande preocupação, neste território das ciências da linguagem sempre exige do teórico um pensamento de que para a leitura da imagem deve existir alguma objetividade, e que esta leitura pode ser feita na superfície da representação visual.

No campo da comunicação, significa mais ainda para a nossa pesquisa sobre Teorias da imagem, a contínua reflexão sobre aquilo que são os espaços onde se apresentam os limites interpretativos da imagem técnica e, naturalmente, da fotografia. Sem fazer maiores

deslocamentos ou digressões, a ideia é que de novo e do novo os limites representativos da imagem técnica e fotográfica, dentro dos meios espaciais ou cartográficos, das redes sociais, se assim continuamos a definir.

Ou seja, podemos nas diversas trajetórias das imagens divulgadas pela comunicação dos meios desta vez escolher mapear a análise interpretativa do caminho representativo das imagens informativas da comunicação, utilizando elementos de interpretação da "velha organização social e política". Martín-Barbero escreve:

> O que as novas tecnologias põem a descoberto pareceria ser o descompasso entre a nova era "da informação" – resultado da revolução eletrônica – e a velha organização social e política ainda modelada sobre os restos da revolução industrial. Nós nos achamos, por conseguinte, ante a crise última do modelo político liberal e de seus dois dispositivos-chave: o Estado nacional e o espaço público não dedutível dos interesses privados nem redutível a eles.[10] Ao se achar ligadas "a partir de dentro" à forma nova de transnacionalidade do capital, as novas tecnologias afetam a forma e as funções dos Estados nacionais. Não tanto pelo tamanho das inversões que requer sua implantação mas, principalmente, pelo tamanho de sua operação. Se houve um tempo em que um trator não era rentável a não ser para um número determinado de hectares, agora temos tecnologias cujo espaço de operação *adequada*, que é outro modo de dizer rentável, ultrapassa por inteiro o nacional. [11]

Não é a toa que vem surgindo movimentos sociais de rua, com características evidentes de reivindicação social. Porém são as novas tecnologias da imagem, e da imagem fotográfica que incita e investe nos compartilhamentos do modo visual da informação. Se a nossa identidade imagética está mudando é porque mudou nossa sensibilidade. Da aldeia global partimos agora para a conexão global, que deve ser mapeada e localizada.

REFERÊNCIAS

AICHER, Otl. Analógico y digital. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso: estética da criação verbal. Trad. M. E. Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARTHES, R. O rumor da língua. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FIGARO, R. (Org.). Comunicação e análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2012.

GUIMARÃES, C. & LEAL, B. S & MENDONÇA, C. C. (Org.). Comunicação e experiência estética. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

[10] N. CASULLO et al. apud MARTÍN-BARBERO, J. Ofício do Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura, 3ª Ed. Edições Loyola, São Paulo, 2004.
[11] MARTÍN-BARBERO, J. Ofício do Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura, 3ª Ed. Edições Loyola, São Paulo, 2004, p. 201-202.

MARTÍN-BARBERO. Ofício de cartógrafo: travessia latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

PRADO, Magaly. Webjornalismo. Rio de Janeiro: LTC, 2012.